

Jinguba de Junho

(poemas)

Manuel Victória Pereira

Jinguba de Junho (poemas)

Manuel Victória Pereira

Ficha Técnica:

Título: Jinguba de Junho (poemas)

Autor: Manuel Victória Pereira

Editora Digital: **Água Preciosa**

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Imagens do livro: Pexels.com

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Índice

Agradecimentos	6
Dedicatória	8
Prefácio	10
JINGUBA DE JUNHO	12
CHUVA VERDE	14
MENINO INSONE	15
BESOURO BISNEIRO	16
VOZ VERDE VOANDO	18
NÃO FOI ASSIM	19
CAIXA COM TAMPA	21
LER	22
NJANJA E KATUITE	23
NKUELE	25
PIRATARIA	27
ERMELINDA	28
Boneca de Sabugo	29
SOBRE O AUTOR	31

Agradecimentos

Aos amigos da Academia Huilana de Autores pela encorajadora oportunidade desta modesta edição.

Ao Mário Ferrão, pela ajuda na organização do acervo e achegas criativas.

Ao A. Pinto Kituxi e à Ana Bela Primo pela revisão de textos.
À Diana Figueira, Esperança Mundundu, Marinela Muhongo, Nhenze Abias e Olga Cabobo, minhas improvisadas secretárias.

BEM HAJAM

Dedicatória

A meus netos,
Com mil afectos
E com ternura própria dos avós.
E aos garotos de todos os tempos
Que, vivos, vão resistindo
Ao bicho-papão
Que pretende, em vão,
Destruir um sonho lindo,
Devorando a criança que resta em todos nós.

Prefácio

Meu amigo há quatro décadas, incumbem-me o Autor de me estreiar na escrita de um prefácio, para este livro de poemas com que também se estreia.

Avaliar uma estreia, seja do que for, merece sempre uma certa dose de indulgência. Porém, vou pedir-lha apenas para mim; quando começar a ler "Jinguba de Junho", título também do primeiro poema do livro, compreenderá por que não lha peço para Manuel Victória Pereira: você vai desde "Quem tem uma tia / Que torre jinguba" a "Se ela fica envergonhada? / Nada, / Ela nunca tem vergonha" de uma assentada, como se de um curto e empolgante conto se tratasse.

No percurso entre esses versos, palpitam 13 poemas que despertam em nós (gente novinha, nova ou idosa) uma miríade de sensações e emoções e lembranças e imaginações indizíveis, o que constitui, em meu modesto entender, o objecto da verdadeira Poesia.

E mais: de tão presos, pelo coração, nos sentirmos ao chegar ao fim do livro, concluímos que a leitura nos soube a pouco. Podemos, pois, dizer que Manuel Victória Pereira, conhecido professor, formador e cantautor de longíssima data, se revela aqui também o Poeta (assim mesmo, com P grande) que já se suspeitava existir nele, dada a poética beleza das letras de canções suas.

Ciente da desnecessidade deste (ou de outro) prefácio para um livro como este, termino-o dizendo que fico (achando que deveria dizer ficamos) a torcer por que este novo Poeta angolano (nascido no Namibe, em 1958) tenha longa e saudável e inspirada vida, para continuar a brindar-nos com versos que, parafraseando-o, nos deixam a alma maluca, a dizer kifufutila com ela na boca.

AP Kituxi
Luanda, 28/02/2021

JINGUBA DE JUNHO

Quem tem uma tia
Que torre jinguba,
Que desça e que suba
A rua a vender?

Quem tem um nariz
Que escuta, feliz,
O cheiro castanho?
Eu tenho! Eu tenho!

Quem tem um avô,
Kota sabedor,
Que planta jinguba
Na lavra do amor?

Jinguba é kitaba,
Jinguba é muamba,
Meu kamba,
E logo ela acaba!

Quem tem uma avó
Que tenha receita
Da jinguba em pó?
E a malta da casa,
Parece maluca.
Diz "Kifufutila",

Com ela na boca.

Quem quer paracuca?

-Eu! Eu! Eu! Eu! Eu!

... E o custo do açúcar?

Qual não é o ndengue

Que nunca se esquece

De um colo de pai,

De um colo de mãe?

Quem não tem, não tem

Nada nem ninguém,

Mas tudo merece?...

05.06.2020

CHUVA VERDE

Chuva verde de esperança,
Faz de conta da infância,
Milhentas folhas, confettis,
Na festa dum Grão-Vizir.
Muitos mestres, menestréis
Num vegetal festival.
Vem vindo a verde verdade
E a única verdade
É a serena saudade.
É a crença persistente
Que a chuva verde vai vir.
Vinde, meus muitos amigos!
No grande show da saudade
Vamos brincar de assistir!

02.02.21

MENINO INSONE

Fez-se escuro de repente
E um canto se ergueu no ar.
Metade era de lamento,
Metade para embalar.

Voz apagada que treme,
Tentando a consolação.
Criança, insone, que geme,
Sua resposta à canção.

- Chega de choro assustado,
Fecha os olhos, filho meu,
Pois nesse céu assombrado,
Nova sombra apareceu.

Não é a nuvem cinzenta,
Nem bando de aves cantoras,
É o jacto que traz a prenda,
Das bombas destruidoras.

???.???.1979

BESOURO BISNEIRO

(Feito para os filhos, acabado para os netos)

Basílio besouro,
Belize é onde ele nasceu,
Bazou para Brazaville,
Saudade bateu.

Escreveu à besoura
Mukanda de lagrimar:
"Ó minha senhora,
A Cabinda quero voltar!".

Besouro bisneiro, - Zum! Zum!-
Zumbiste ao bazar
Passaste fronteira, - Zum! Zum!-
Não tenhas azar.

Besouro bazeza
Desmaia cai no capim,
Só chora, só reza,
Nada se resolve assim.

Faz o bisno e volta,
Belize vai te acolher;
Buzina na porta,
A besoura vem a correr:

Zum! Zum

*Belize: cidade da província de Cabinda

Iniciado nos anos 90

VOZ VERDE VOANDO

VOA, VOA PASSARINHO!

Voa, voa passarinho,
Voa, voa sem temor,
Que tens em cada menino
Um amigo e protector

Enfeita nossas acácias,
Quando elas estão em flor;
No ar, mostra mil perícias,
Chilreia, lindo cantor.

Se há visgo, fisga e gaiola,
Se há mil maldades e perigos,
Há também gente tão boa,
Tantos meninos amigos.

Guia p'ra paz, o teu bando,
Sobrevoando a cidade,
Ensina aos homens, cantando,
O valor da liberdade.

Obs.: A parte sublinhada foi dada pelo AP Kituxi, nos anos
80, e terminada por mim a 29-04-13.

NÃO FOI ASSIM

O Perú-do-mato, o Gato Bravo e o Babuíno
Eram três bons companheiros,
Viviam numa sanzala.

Dessa amizade,
Fizeram sociedade,
Semeando milho
E massambala.

O Gato Bravo fez-se guarda de armazém.
Sem dizer nada a ninguém,
Ficou com tudo para si.

Com a colheita,
Fez uma coisa mal feita,
(Adivinhem!) foi vender longe dali.

Logo à procura seus companheiros partiram,
E, quando o viram, o Babuíno gritou:
- Ó Gato Bravo! Ó Gato Bravo!
Não foi assim que a gente combinou!

Corre esse mundo a corta-mato,
Salta muros, vais pagar o que levaste,
Que, ao voltares, ainda aqui estou.
Não foi assim... não foi assim...

Não foi assim que a gente combinou!

1981

CAIXA COM TAMPA

Caixa com tampa é mais que uma embalagem
Mas não tem tanto volume a levar.
Não acrescenta peso na bagagem,
Nesta viagem
Sem recuar.
Ela contém
Um infinito amor e a lembrança
Das histórias contadas ao deitar,
Na voz de minha meiga Mãe,
Pela noitinha,
As suas
Duas
Mãos em concha
Encaixando a minha.

À nossa querida e grande Mãe, Avó e Bisavó AMÉLIA, por
ocasião do seu 90º aniversário.

Setembro de 2012

LER

Ler é festa, é um prazer tremendo!
Lendo, a vida já faz mais sentido;
Lido um livro, a gente se enriquece,
Algo não se esquece desse livro lido.

Ler é uma festa
De saber e alegria;
É prosa que presta
Ciência e poesia;

Ler é uma festa generalizada;
Não há como esta,
Nem se cobra entrada!

Ler é uma festa de vida e fantasia:
Confirma e contesta, desenvolve e cria
Amor,
Amor...

Manuel VP & Toty Sa'med
(Música feita para a feira do livro Edições Chá de Caxinde)

NJANJA E KATUITE

Uma Njanja e um Katuite
Voam juntinhos no ar
E seu canto é um convite,
Convite p'ra namorar.

Katuite afina seu tom,
Voa de leste a oeste,
No seu peito azul-celeste,
Batendo um coração bom.
Vendo da minha janela,
O bico-de-lacre dela
Me parece ter batom.

Leste, Oeste, Norte e Sul,
Vai Katuite atrás da Njanja,
Traz o seu colete azul,
Tudo enquanto ela se arranja.

Outras aves batem asas,
Dizem, por cá e por lá,
Sobre os telhados das casas,
Que namoro assim não dá.

Por isso, Katuite e Njanja
Namoram à descarada,

Sabendo que não é canja
Convencer a passarada.

“Pássaros de toda a cor,
Sejam mais inteligentes!
Vamos viver em amor,
Mesmo com penas diferentes!”

E os dois pássaros, assim,
Levam em cada biquinho
Penas, pauzinhos, capim
P’ra construir um só ninho.

*Katuite: pássaro conhecido por peito-celeste;

**Njanja: ave conhecida como bico-de-lacre.

10.07.2020

NKUELE

Para quem quer, neste mato,
Ter uma grande caçada
Dizimando passaritos,
Existe um pássaro chato
Que lhe espanta a passarada.

“Cueeeé!”

Parece gozo, não é?
Fica a caça sabotada
Adeus, passarinhos fritos.

Rola, periquito, cucu,
Vão, cada qual no seu bando,
O Nkuele também voando.

E o caçador já maluco
Pensa com os nervos em franja:
“Um dia faço uma canja
do pássaro gozador!”

Caçador passarinheiro,
Tu não mates, por favor,
Esse passarinho amigo.
Não o comas, caçador!
Pois existe um mito antigo
Que diz: “Com ele não te metas!
Tarde ou cedo,

Cedo ou tarde,
Ficas com medo,
Cobarde...
Medo, até das borboletas..."

"Cueeeé!"
Parece gozo, não é?

Ele merece, com razão,
Uma condecoração
Por sua acção de defesa
Pela heroica missão
A favor da natureza.

"Cueeeé!"
Parece gozo, não é?
De poupinha levantada
É o herói da passarada!

12.07.2020

*Nkuele: ave também conhecida como pássaro-troçador.
Com seu canto, por vezes, salva bandos de aves de várias
espécies.

PIRATARIA

(P'ra meus netinhos)
Guardo, na Ilha do Amor,
Um cobiçado tesouro;
Lá não há lugar prá dor,
Nem sobra espaço pró choro.

Não é de ouros, nem pratas!
Com ouro e prata eu não fico.
Tenho os meus netos-piratas;
Por isso, sou muito rico.

P'ra eles, quero a aprendizagem
Do sorriso e dos bons modos.
Se chego ao fim da viagem,
Na garrafa vai mensagem:
"Um cotó* p'ra vocês todos!"

04.02.2021

* Cotó=cotovelada(se primeiro traduzia uma negativa ou uma atitude agressiva, hoje, pelo contrário, é uma afectuosa saudação).

ERMELINDA

(P'ra meus netinhos)

Minha vizinha Ermelinda,
Linda,
é um encanto de menina.

Seu beijinho na bochecha
Deixa
Um cheirinho a tangerina.

Vou dizer como ela é bela,
E ela,
Vai ficar toda risonha.

Se ela fica envergonhada?
Nada,
Ela nunca tem vergonha.

01.06.2020

Boneca de Sabugo

Oh, pequena boneca,
Feita de sabugo
De uma maçaroca.
Nos braços, nas costas,
Da gente pequena
Que brinca às mamãs,
Sem risos de corda,
Sem olhos que fecham,
Mas com ar que evoca
Meninas do mato
Que anseiam teimosas
Muitos amanhã.

Chuva que se nega,
Colheita que é pouca,
Perguntas nascendo:
- Porque nos esquecem,
Fazem, mas não cumprem,
Juramentos mil.
Mais velhas cismando
Junto da fogueira,
Na memória,
Duas mãos fazendo
A boneca-milho,
Pequeno milagre
Da arte infantil.

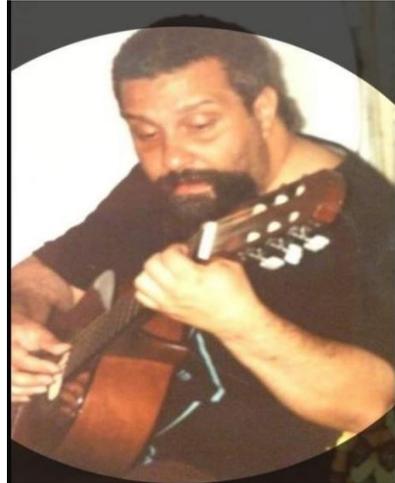
Cresce, milho novo,
Com a força
Da chuva do céu!
Fica presente
Na boca de um povo
Que é meu.

Traz abundância aos celeiros,
Lembra à cidade que existes
Para dar à vida e ao sonho
Dias menos tristes!...

Oh, pequena boneca...

1983, Texto revisto em 2020

SOBRE O AUTOR



Manuel Fonseca de Victória Pereira nasceu em Moçâmedes - Namibe em 26 de Agosto de 1958.

Fez os estudos primários e secundário na sua cidade natal. Foi um dos jovens mais voluntários na alfabetização de adultos.

Recrutado para o professorado, viria a dar 42 anos de serviço à educação, em Moçâmedes, Tombwa, Luanda e Lubango, onde fez o curso de linguística-português.

Exerceu vários cargos directivos no Sindicato Nacional de Professores.

No campo da cultura e artes, foi músico amador, escrevendo e compondo para o carnaval da Huíla e Luanda.

Colaborador na Rádio e nos jornais como locutor e assinando crónicas e artigos.

A compilação de escritos que intitulou <<Jinguba de Junho>> figura como livro de estreia.

Autor: Manuel Victória Pereira

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico
Belson Pedro Raimundo Hossi
Jinguba de Junho
(poemas)



Todos os direitos desta obra reservados a
Manuel Victória Pereira

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais –
Não é permitido modificar esta obra.
Não pode fazer uso comercial desta obra.
Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.

